

Entre sambas e enredos: a trajetória da Escola de Samba Vila do Príncipe em Caicó-RN.

Lydiane Batista de Vasconcelos¹

RESUMO: Este artigo objetiva analisar e compreender a inscrição social da Escola de Samba Vila do Príncipe no município de Caicó-RN na “avenida” e na cidade, bem como as modificações que se deram na “performance”, impulsionada pelos sambas e desfile que foram significadas a partir das noções de “tradição” e de “modernidade”. Abordando os significados envolvidos em torno das figuras dos idosos na composição dramática e no contexto da cultura local, a análise volta-se para os motivos que levaram os sujeitos-brincantes, no período estudado, tempo presente a rivalizarem, a se colocarem em posições conflitantes sobre a questão da legitimidade enquanto manifestação carnavalesca na cidade. Os discursos dos carnavalescos publicados em blogs, as entrevistas orais e as letras das escolas de samba configuradores da memória social desta prática, norteiam, em particular, o foco interpretativo desta pesquisa.

Palavras-chave: carnaval, escola de samba, memória

ABSTRACT: This article aims to analyze and understand the social inscription of the Vila Samba School in the city of Prince Caicó-RN in "avenue" and the city as well as the changes that occurred in the "performance", and driven by samba parade were meant from the notions of "tradition" and "modernity." Addressing the meanings involved around the figures of dramatic composition in the elderly and in the context of local culture, the analysis turns to the reasons why the subject-brincantes male and female, in the period studied, rivaling, to place themselves in positions conflicting on the issue of legitimacy as

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco; Professora Substituta da Universidade de Pernambuco/Campus Garanhuns.

amanifestation ofcarnivalin town. The speechesofbrincantes, configuratorssocial memoryof this practiceguide, inparticular,the focusof thisinterpretiveresearch.

Keywords: Carnival. Samba. School. Memory

Caicó, véspera da Segunda feira momesca: o prefeito entrega as chaves da cidade ao Rei Momo e a rainha do carnaval. As batucadas ressoam pela avenida, as ruas do centro cintilam com inúmeras cores, mela-mela e confetes. Os jornais, revistas eletrônicas, a TV, as emissoras de rádios locais e os turistas se aglomeram nas ruas e calçadas procurando os melhores ângulos e entrevistados para narrarem sobre o festejo. Quatro horas da tarde. Carnaval de 2008. A população, que se localiza na concentração do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, começa a estranhar, no entanto, a entrada de alguns batuqueiros com instrumentos de percussão, passistas e baianas que se organizam em alas, se preparam para o desfile. Em meio aquela “estranha forma de carnaval”, alguns foliões se perguntam o porquê daquelas pessoas fantasiadas. Será que essa “batucada” vai fazer uma participação dentro do Bloco do Magão? Era uma pergunta recorrente entre eles. Após alguns minutos, devido à organização em alas, os foliões começam a compreender que se tratava de uma Escola de Samba. Quatro horas e quarenta minutos. O puxador da escola ²:

Como uma fênix e pelo amor dos admiradores do samba, a Vila ressurgue, exaltando um dos seus

² Narrativa elaborada a partir da entrevista cedida pelo músico Miguel Dias em 07-07-2010, onde o mesmo elabora sua narração a partir dos horários e da afirmação constante de que o mesmo teria “olhado sempre no relógio, lembro daquele dia a partir das horas”.

ilustres integrantes. Salve o samba! Salve Quinca de Biinha!³

Esses versos citados por Miguel Dias, no carnaval de 2008, mais especificamente na Avenida Seridó, anunciam o retorno da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe ao carnaval de Caicó. O discurso acima, se propõe a exaltar o retorno da Escola utilizando a imagem do ex-carnavalesco Quinca de Biinha e procura instituir nesta homenagem um passado para a Vila do Príncipe. Passado a partir do qual a Vila do Príncipe tenta se constituir no presente. Passado que o músico tenta, através de seus samba enredos, marcar os laços de continuidade com o presente através da Escola de Samba. Alguns *blogs* caicoenses noticiaram o retorno da Escola em suas *postagens*, a exemplo do *post* intitulado: *Depois de 13 anos ausente famosa Escola de Samba está de volta ao carnaval de Caicó*, presente no blog Robson Pires onde o mesmo relata:

Depois de 13 anos ausente a bateria da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe voltará a participar do carnaval de Caicó 2008. A bateria, que brilhou no *passado*, vai sair com 40 componentes e os ensaios já começaram. O samba enredo, de autoria de Miguel da SUCAM, vai homenagear “Quinca de Biinha” ex-sambista e ex-atleta de Caicó falecido recentemente. A bateria tem grandes nomes da vanguarda da cidade, entre eles, Chico Veras, Isqueiro, Rivadávia e outros... E espera engrandecer o carnaval da cidade. Sucesso prá rapaziada! O prefeito Bibi Costa deu uma ajuda importante

³ Fragmento do samba enredo do ano de 2008 intitulado: Conengudes, sinônimo de samba e alegria, de autoria de Miguel Dias.

para que a bateria estivesse de volta ao carnaval de Caicó.⁴

Outro *blog*, considerado de caráter informativo na cidade, produz outra narrativa semelhante a apresentada no blog de Robson Pires, no intuito de divulgar o retorno da Vila do Príncipe:

Escola de samba de volta ao carnaval de Caicó

- A Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe sairá às ruas de Caicó hoje. É um das grandes *novidades* do carnaval deste ano. São 50 os componentes na bateria. O samba-enredo da Unidos da Vila foi feito em homenagem “Quica de Búinha? Carnavalesco já falecido e ex-jogador de futebol em Caicó. Depois de 13 anos a Escola está de volta ao carnaval do município. A Unidos sai hoje, amanhã e na terça feira.”⁵

Desta forma o desfile da Escola de Samba é anunciado como uma grande novidade, visto que “*a população de Caicó sabe que existiu Escola de Samba na cidade, mais isso faz muito tempo, isso era antigamente*”⁶. O estranhamento causado pelo retorno da Escola ao carnaval de Caicó exposto no início desta narrativa é exemplificado também a partir dos comentários

⁴ Notícia divulgada no blog Robson Pires, no dia 09 de Fevereiro de 2008.

Endereço eletrônico: <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/>

⁵<http://correiodoserido.blogspot.com/2009/02/escola-de-samba-unidos-do-vila-do.html>

⁶ Narrativa de Inaldo Silva. Aposentado. 52 anos. Entrevista cedida em 07 de Outubro de 2009.

presentes nos blogs. Dentre os presentes destaco o postado no dia 03 de março de 2008:

1. Por **Flora** em mar 3, 2008

Uma coisa linda essa “escola”..... uma ruma de gente feia vestindo mulambos e adereços de papelão: UMLIXO!!!!⁷

Comentários como os de Flora são recorrentes nos blogs que noticiaram o retorno da escola, sobretudo, no que diz respeito ao material utilizado na confecção das fantasias, em sua maioria proveniente de material reciclado. Em entrevista o ex-membro da diretoria da Escola Nova Portela concorrente da Vila do Príncipe durante as décadas de 80 e 90 descreve o comportamento dos foliões durante o desfile de retorno ao carnaval de Caicó:

Por exemplo, a Vila do Príncipe, já vem a três anos tentando recuperar o samba, mais a cada ano eles passam por situações extremamente desagradáveis, do público que está indo para o Bloco do Magão, eles estão na concentração e esse público invade a escola a formação da escola e perturba e eles saem num amontoado de pessoas, é muito desagradável.⁸

O Diário de Natal publica uma matéria sobre o retorno da Escola sob o título de “*O anticarnavalesco*”, a matéria informa que o diretor da Unidos da Vila do Príncipe está “*encarregado de comandar a produção de alegorias e fantasias e de conduzir o*

⁷<http://correiodoserido.blogspot.com/2009/02/escola-de-samba-unidos-do-vila-do.html>

⁸ Narrativa de Maguila.48 anos.Funcionário Público.Entrevista realizada em 07 de junho de 2010.

desfile na avenida”, além de “*tocar um projeto pessoal e ambicioso*”, qual seja, o de “*mudar o jogo de poder da festa e acabar com o preconceito do qual se diz vítima*”. Sua briga seria contra as formas de brincar carnaval hoje, onde o samba perdeu a cadência e o passo.⁹

Durante a pesquisa de campo, o carnavalesco Inaldo Silva, diretor da Vila do Príncipe, disponibilizou um vídeo sobre o desfile, quando a saída da escola em 2008 se deu em meio a um “amontoado de pessoas”. Estas imagens nos possibilitaram uma problematização em relação ao espaço do desfile e o comportamento dos foliões durante o trajeto. O desfile realizado em 2008 não possuía carros alegóricos, sendo compostos por algumas alas; a primeira ala era composta por crianças, a segunda trazia o casal de mestre sala e porta bandeira, a terceira ala trazia em sua configuração um grupo de 10 baianas, as quais eram seguidas pela Rainha e a ala de bateria. Durante o desfile dessas alas, alguns foliões adentravam no desfile interrompendo inclusive a apresentação de algumas alas. Não há divisão entre foliões e os membros da Vila do Príncipe, o que propicia a entrada dos foliões no espaço destinado ao desfile.¹⁰

No enredo do ano de 2008, a exaltação à escola se dá na comparação da mesma feita a Fênix, como uma escola que apesar de todas as dificuldades financeiras e estruturais é capaz de ressurgir na avenida. Enredo esse que fala de um passado, de um Caicó que tinha em seu carnaval o samba como principal compasso das ruas. Esse enredo se constitui, portanto, na legitimação institucional do projeto de uma série de carnavalescos. Projeto este que se materializa no desfile da

⁹ Jornal Diário de Natal. 12 de Fevereiro de 2008. “O anticarnavalesco”.

¹⁰ Vídeo caseiro produzido por um membro da escola, o vídeo possui duração de 5 minutos. A edição do desfile foi realizado a partir das suas alas, onde o tempo de filmagem de cada ala, corresponde de 30 a 60 segundos em média. Esta documentação se faz presente no arquivo privado de Inaldo Silva.

Escola Vila do Príncipe, no ano de 2008, que idealizado pelo presidente da Escola, Inaldo Silva, tentava restituir aquele passado no presente, por meio de discursos e práticas que a ele remetiam. Desta forma, recorro a análise que a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, realizou em seu livro sobre as Escolas de Samba cariocas. Neste livro, ao analisar os samba enredos no Rio de Janeiro, a autora atribui a estes o conceito de *performance*, pois há no cantar do samba, uma organização:

O ideal de *performance* de um samba enredo é ser cantado, e dançado, por muitos ao mesmo tempo. O intérprete, acompanhado em sua parte-solo pelo pandeiro e cavaquinho, “puxa” um canto que deve, em seguida, ser memorizado e entoado por todos.¹¹ (CAVALCANTI,2006,p.23)

Esta observação realizada pela antropóloga em sua pesquisa de campo, é observada também em Caicó no discurso a seguir, produzido pelo músico Miguel Dias em depoimento¹²: “A escola retornou em 2008, foi quando eu fiz essa letra de samba, homenageando Biinha e a escola que estava completando 21 anos de fundação”. Neste momento da entrevista o compositor pede licença para cantar o samba, pois para o músico o samba é música e música precisa ser cantada, para que eu possa saber da letra:

Olha ela ai.

Está chegando a Nossa Escola
Mais uma vez
Vem pra avenida desfilar, desfilar
Trazendo o samba com muita alegria
Muita euforia, faz o meu povão vibrar
É a branca, verde e rosa

¹² Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Nota dez em bateria
Homenageando “Conegundes”
Sinônimo de samba e alegria

Refrão:
Vila do Príncipe é de bambas
Ela é sua e ela minha
Salve a Vila, salve o samba
Salve “Quinca de Biinha”

Ela era um grande batuqueiro
Foi também grande goleiro
Um cara fenomenal!
Esteve desde o primeiro ano
Com sua estrela brilhando
E alegrando o carnaval.¹³

Durante toda a entrevista, o compositor Miguel Dias, faz referências às letras dos samba enredos das Escolas de Samba. Para ele a história da escola tem relação com os samba enredos e estes por sua vez procuram exaltar a cidade de Caicó.

Nos jornais pesquisados, sobretudo o Diário de Natal e o Tribuna do Norte, faziam em suas matérias poucas referências a Escola de Samba Vila do Príncipe, desta forma, esta narrativa será construída a partir das narrativas orais. Depois de cantar o samba enredo que “*colocou a escola de samba na avenida*”, Miguel busca traçar um pequeno histórico da escola, mas sempre fazendo referência ao tempo presente.

A escola foi fundada em 1987, mais ai ela desfilou até 95, foi o ultimo ano, ai ficou parada por um tempo, retornou em 2008. Em 87 e 88, era um inicio muito devagar, praticamente não teve

¹³ Samba enredo: “Conegundes, sinônimo de samba e alegria da Escola Unidos da Vila do Príncipe”, carnaval 2008, de autoria de Miguel Dias. Letra e Cd disponível no arquivo privado de Miguel Dias.

carro alegórico, não tinha nada, como esse ano também não teve, esses últimos anos não teve. Com o tempo entre os anos de 90 e 91 foi que criaram alguns carros. Nós desfilamos com eles até 95 com esses carros, depois abandonaram e quando a gente voltou em 2008 não teve como recuperar esses carros, esse tempo todinho treze anos lá parado, o local que eles guardaram se desgastou com a chuva, com o tempo se desgastaram a madeira, ficou só as estruturas de ferro lá ai ninguém quis recuperar lá, encostaram lá.¹⁴

A organização da narrativa realizada por Miguel pode revelar as intencionalidades do narrador e estas contribuem para determinar os fatos e eventos considerados significativos, a serem imersos no tempo. Desse modo, a maneira de narrar é relevante para a periodização estabelecida. Portanto, vincular um evento a uma temporalidade, ou seja, datá-lo, não corresponde simplesmente a sua inserção numa seqüência cronológica e linear, mas estabelecer a qual seqüência este evento é pertencente. Como são visíveis no relato acima, as demarcações temporais na memória são relacionadas às experiências vividas pelos sujeitos narradores, por presenciarem um acontecimento ou mesmo por reconstruírem, na memória estes acontecimentos. (PORTELLI, 2004, p. 296-313)

Neste sentido, identificamos a construção de três marcações temporais utilizadas pelos carnavalescos da Unidos da Vila do Príncipe: 1987 representa a fundação da Escola, o primeiro desfile; 1995 emerge como o tempo em a Escola encerra os seus desfiles na cidade e 2008 como o ano de retorno da escola, tempo este onde passado e presente são constantemente

¹⁴ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

articulados. O compositor então narra sobre o tempo de fundação, sobre o que nas palavras dele, seria o “começo de tudo”:

Em 87, ela começou com pouca gente, a bateria tinha em torno de 36 componentes mais ou menos, tinha umas duas alas de criança, desfilava no máximo 100 pessoas, num dava ao todo umas 70 a 80 pessoas, incluído Alas e Bateria, aí quando foi lá para frente desfilou um número maior de gente, chegou a desfilor com 5, 6 alas. Cada uma tinha de 30 a 50 pessoas, teve carnaval da gente desfilor com 200 pessoas contando as que faziam parte das alas e da bateria. Nesse tempo a bateria já tinha 45 pessoas e foi lançada primeira letra quem fez foi Jaime Paulo Figueira, que fez essa letra que conta a história de Caicó, da lenda, a primeira letra o samba enredo de 1987.¹⁵

O samba enredo ao qual Miguel se refere, traz em sua letra o mito de fundação da cidade, a lenda do Poço de Sant’Ana. Esta lenda também é evocada pelo Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana como visto no capítulo anterior. Quando lembrado, o tempo de fundação da escola, sempre é narrado como um tempo próspero para a Escola, onde havia segundo o carnavalesco “*uma cultura de samba na cidade de Caicó*”. Como os samba enredos fazem parte de uma estratégia de lembrança por parte do músico, ele folheia as páginas de um caderno e me apresenta a letra do samba, do primeiro desfile da escola:

São muitas lendas que envolve esta cidade
Da gruta da caridade até o rio Seridó
Vila do Príncipe foi o seu nome o primeiro
Torrão nobre, hospitaleiro consagrado Caicó

¹⁵ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Lenda do boi farto e bravo que surgia
Vindo lá das cercanias alvas do algodão mocó
Trazendo a história de um vaqueiro aqui perdido
Que ergueu agradecido a matriz de Caicó

Lenda maior que atrai que engalana
Que vem do poço de santana diz assim essa
versão
Uma bela jovem em serpente transformada
Pobre moça condenada a viver na solidão

E assim contando toda história colorida
Nossa escola na avenida mostra com muito calor
A esta cidade berço heróico e consagrado
No presente e no passado seu tributo maior¹⁶

Foi atrelando as lendas de fundação da cidade à fundação da Escola que a Unidos da Vila do Príncipe se lança na avenida no ano de 1987. Segundo Miguel, toda a diretoria da Escola tem um importante papel de orientação na escolha do tema do ano, na medida em que é o responsável pela confecção da sinopse (orientações gerais sobre o enredo do ano), podendo opinar a respeito das composições, dizendo se a mesma está “fora do tema” ou não. Outra observação realizada nesta experiência foi a necessidade de que as composições se enquadrassem na sinopse fornecida pela diretoria da escola aos compositores. Ou seja, a letra tem que se relacionar com o tema escolhido para o carnaval do ano.¹⁷

Para a diretoria da Escola, bem como para seus compositores, as letras deveriam sempre remeter a cidade, os

¹⁶ Samba enredo do ano de 1987, intitulado: Lendas de Caicó, letra de Jaime Paulo Figueira, música de Miguel, Riva e Quinca.

¹⁷ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

foliões deveriam ao ouvir os sambas lembrar algum fato ocorrido no passado e que marcou a cidade de Caicó. No entanto, nem todos os carnavalescos lembram as temáticas de todos os sambas enredos, e não possuem em seus arquivos privados as letras das músicas. É importante atentarmos para o alcance da tradição oral e seu aspecto fragmentário visível nas narrativas como na expressão “*um pedaço dessa história*”. Dessa forma, pensar os pedaços das urdiduras que constituem a trama é reconhecer a dinamicidade do ato interpretativo de narrar e lembrar que o mesmo é sempre uma rememoração de algo que já não existe. Nesse sentido, os fragmentos compõem um conjunto de sentidos, o que demonstra um reconhecimento da não totalidade da rememoração.

O diretor da escola Inaldo Silva, ajuda na urdidura sobre a fundação da Vila do Príncipe:

No início tinha um percurso na Avenida Seridó, hoje não existe mais isso. A gente desfilava, o pessoal ficava olhando a gente passar, hoje não existe mais isso. Tinha o concurso entre as escolas, o valor do prêmio não era muito não, as vezes era só bebida mesmo. O prêmio era para quem apresentasse a melhor fantasia e alegoria, tinha uma comissão julgadora, a mesa ficava no palanque. O povo gostava de ver Escola de Samba.¹⁸

As poucas e fragmentarias matérias sobre as Escolas de Samba em Caicó reiteram a colocação do carnavalesco Inaldo de que o “povo gostava de ver Escola de Samba”. As expectativas

¹⁸Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

em torno da chegada do carnaval caicoense ocupavam durante a década de 1980 as páginas dos periódicos norteriograndenses. Isto porque os desfiles nomeados como *luxuosos* das escolas de samba exigiam uma infra-estrutura adequada para as suas respectivas realizações: melhorias na iluminação pública, montagens de arquibancadas destinadas à platéia, adorno das ruas com enfeites e construções de coretos provisórios para as autoridades e convidados de honra eram algumas das medidas adotadas. Enfim, a parte central da cidade alterava-se significativamente com os preparativos da folia. O jornal Diário de Natal explicitava, por exemplo, a série de procedimentos adotados na véspera da data tão esperada:

O carnaval de rua de Caicó deste ano promete ser um dos mais contagiantes dos últimos tempos. Duas escolas desfilaram nas ruas da cidade. Uma comissão formada por representantes do poder municipal, da imprensa, blocos e escolas de samba, esteve reunida e definiu todo o esquema que será desenvolvido durante o período momesco. Ficou acertado que o carnaval será aberto oficialmente no sábado dia 13, às 8:00h da noite. Os desfiles dos blocos e escolas de samba serão realizados no domingo, enquanto a escola de samba “Unidos da Nova Portela” abrirá o desfile do domingo, enquanto a escola de samba “Unidos da Vila do Príncipe” abrirá o desfile na terça-feira.¹⁹

O último aspecto da matéria do jornal acima acabava se tornado um dos itens mais importantes, na medida em que os desfiles das Escolas de Samba faziam parte de um concurso de rua, um dia posterior a notícia acima o Tribuna do Norte publica outra matéria sobre o concurso:

¹⁹ *Jornal Diário de Natal*. 3 de fevereiro de 1989. “Carnaval em Caicó”.

Uma comissão julgadora, ainda a ser escolhida, julgara as apresentações das escolas de samba a comissão julgadora obedecerá aos seguintes itens: Samba enredo, mestre-sala, estandarte, fantasia, bateria, animação, ritmo e coreografia.²⁰

As coberturas jornalísticas dos carnavais de Caicó, durante a década de 1980, nas cidades seridoenses, pouco se aprofundavam nas descrições dos carnavais de rua – tal postura, aliás, remetia a um interesse das associações clubísticas de exaltação dos carnavais realizados nos salões do Corinthians e do Iate Club. Trechos sucintos e discretos se estreitavam nas páginas dos impressos; após uma extensa descrição dos bailes carnavalescos a serem realizados pelo Clube Corinthians, o jornal *Diário de Natal* se limita a registrar no ano de 1989 que:

Em Caicó o carnaval merece destaque especial pelo fato do monumental desfile das agremiações carnavalescas com seus samba-enredos inspirados em temas da cidade. A exemplo dos anos anteriores haverá concurso oficial e premiação dos vencedores.²¹

Mesmo sem desvendar maiores detalhes, a narrativa transpassa a idéia a partir da adjetivação do carnaval de rua enquanto “*monumental desfile das agremiações carnavalescas*” e da cidade enquanto inspiração para as temáticas dos samba enredos, como descrito nos depoimentos cedidos pelos

²⁰ *Jornal Tribuna do Norte*, 02 de Fevereiro de 1989. “Concursos carnavalescos”.

²¹ *Jornal Diário de Natal*. 03 de Fevereiro de 1989. “Carnaval de Rua”

carnavalescos. Em entrevista, o carnavalesco Zé do Óleo faz um pequeno balanço dos acontecimentos protagonizados por sua geração, na Vila do Príncipe, entre os anos 1980/90, destacando aspectos do trabalho de equipe e apontando o cotidiano das Escolas nos dias de concurso:

Quando eu deixei a escola em 95, eu deixei a Escola cheia de carro alegórico. A escola de samba era como um time de futebol, um defendia o outro, um ajudava o outro, porque tudo faz parte de uma grande criação, tinha que se criar o samba enredo, os carros, alegorias, melodias e bateria. Nos dias de desfile, dias de concurso, por exemplo, cada batuqueiro tinha uma roupa diferente, todo dia mudava a fantasia, eram três dias, então eram três camisas e três chapéus diferentes. Ai no dia do concurso era o seguinte, eles botavam um palanque no meio da rua, um palanque, onde as pessoas davam o seu voto, dava o prêmio a quem estivesse melhor nas categorias.²²

Na cidade de Caicó, durante os anos de 2000 a 2003, foram desenvolvidas pesquisas sobre o carnaval de Caicó, para a elaboração dos trabalhos de conclusão de curso na UFRN-Caicó. Tive acesso ao primeiro trabalho intitulado *Reinado da Alegria: o carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*, cuja autoria é da historiadora Elizabeth Maria Leite. Este estudo está disponibilizado em algumas instituições da cidade, bem como em um site mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.(LEITE,2002,p.15) O estudo é denominado pelas instituições que a possuem como a principal referencia sobre os

²² Narrativa de Zé do Óleo.Taxista.62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

carnavais da cidade, seja qual for a temporalidade a investigar, como a principal referência presente no acervo, visto que, nas próprias palavras da bibliotecária “*essa pesquisa contém tudo, ela pesquisou toda a história do carnaval de Caicó*”.²³

A monografia se divide em três capítulos, nos quais, segundo consta na introdução, a autora pretende investigar o carnaval da cidade no período que compreende 1990-2000, buscando a partir do recorte, compreender as transformações ocorridas no carnaval da cidade “*tendo em vista que outrora a festa era restrita a alguns grupos sociais de poder aquisitivo mais elevado*”. Para a autora a década de 1990, se constitui enquanto uma temporalidade onde o carnaval caicoense tomou outra configuração, perdendo as características elitistas “*aglutinando parcelas da sociedade, antes excluídas do momento festivo*”.²⁴ Em meio a investigação que se propõe sobre o carnaval de Rua em Caicó, a autora dedica um ponto ao estudo das Escolas de Samba, neste a autora começa a traçar um histórico das escolas de samba que desfilaram na cidade.²⁵

Na narrativa de Leite, os desfiles de Escolas de Samba na cidade de Caicó tiveram início na década de 60, a partir da participação do carnavalesco Manoel de Neném, com a Escola de Samba denominada: *Unidos da Folia*. Neste momento a autora traça uma pequena biografia sobre o carnavalesco:

Manoel de Neném se destacara na cidade por ser proprietário de uma empresa de ônibus que fazia a linha Crato-Natal, passando por Caicó. Além de ser um homem de negócios, o carnavalesco era dotado de um gosto todo especial para festejos

²³ *Ibidem* p.07

²⁴ *Ibidem* p.08

²⁵ *Ibidem* p.35.

*momescos. Tanto que em sua época já sonhava com um grande carnaval na cidade de Caicó.*²⁶

Para a autora a morte do carnavalesco Manoel de Neném teria desencadeado um processo de enfraquecimento das escolas de samba, que desaparecem do carnaval caicoense:

Por volta dos anos 70, as escolas de samba ressurgem, mais timidamente, ainda abaladas com o choque causado pela perda de seu maior incentivador-entusiasta.²⁷

A historiadora se apoia em outra produção acadêmica para desenvolver o seu debate sobre as Escolas de Samba em Caicó na década de 1970. Utilizando de citação presente na monografia da historiadora Rubia Sales intitulada *Folia momesca: O ala ursa no carnaval de Caicó*, neste trecho Rubia:

Em 1976, nascem às escolas de samba, Vivaldinos do samba, organizada pelo mestre de bateria Firmino Paulo (Mestre Firmino) e a União da Folia, organizada pelo mestre de bateria conhecido pelo nome de Zé do Óleo. Estas entram em disputa no mesmo ano e a Vivaldinos do Samba sai vitoriosa e continua desfilando nos carnavais de Caicó nos anos 77 e 78, sem concorrentes, deixando de existir no ano de 78.²⁸

Marcada pelas rupturas, as escolas de samba são marcadas na narrativa de Leite, a partir das suas tentativas de emergir novamente na Avenida, para a historiadora o carnavalesco Manoel de Neném, teria iniciado o sonho e projeto de inserir um

²⁶ *Ibidem* p.35.

²⁷ *Ibidem* p.36.

²⁸ *Ibidem* p.36.

carnaval popular ou do povo na cidade de Caicó, projeto este que segundo Leite só seria realizado plenamente após o surgimento da Ala Ursa do Poço de Sant’Ana.

Outra década, apontada por Leite, enquanto tentativa de revitalização das Escolas de Samba, seria a década de 1980. Nesta, a imagem das escolas de samba Nova Portela e Unidos da Vila do Príncipe começam a ser desenhadas e nomeadas por seus organizadores. As escolas continuaram realizando os seus desfiles durante meados da década de 1990, onde a historiadora marca a causa do termino dos desfiles na cidade:

As escolas de samba começaram a enfrentar crises econômicas e descaso, uma vez que o poder público local concedia uma ajuda irrisória para o custeio das despesas.²⁹

Assim como Leite se dedica a narrar com maior intensidade a década de 1960 como um período áureo das escolas de samba em Caicó. Assim também fazem as memorialistas da cidade. A memorialista Maria Tereza de Araújo Ferreira em seu livro *CAICÓ, fatos que a memória gravou*, dedica um de seus textos em homenagem a Manoel de Neném, nesta memória intitulada: *A escola de samba que ninguém esquece*, a autora:

Era carnaval em Caicó. O ruflar de tambores, o balanço ritmado e cadenciado surgia na avenida; um ritmo pra lá de exato, uma manifestação esplendorosa, trazia a “Unidos da Folia” aos olhos e a admiração de todos, a maior Escola de Samba do Carnaval, desfilando a frente dela, o seu Sambista Maior, Manoel de Neném. Ele por inteiro! Ele elegância! Uma cadência ímpar, os trejeitos perfeitos ao matraquear aqueles maracás

²⁹ *Ibidem* pp.36-37.

nas mãos, “uma figura de força que transmitia paixão aqueles que o cercavam e o assistiam, seduzindo os foliões e os expectadores pela simpatia e pelo envolvimento” (FERREIRA,2001,p.15)

Para a memorialista, a Avenida Coronel Martiniano ficava estreita devido à quantidade de passistas e foliões que faziam parte dela. Para contar as histórias de e sobre Manoel de Neném, Ferreira recorre a um depoimento cedido pelo neto do carnavalesco, apontando que muitas de suas fantásticas estórias são conhecidas pelos caicoenses, mais que seria importante descrever esta história narrada pelo seu neto devido ao enredo inusitado e também poético:

Aconteceu no início dos anos 60, quando sua escola de samba (Unidos da Folia) era a expressão maior do carnaval caicoense. Ao aproximar-se o carnaval, o grupo reunia-se todas as noites para a realização dos ensaios que geralmente aconteciam na sede do Caicó Esporte Clube. Perto dali, na rua Olegário Vale onde morou Milton Tocha, residia um oficial do exército conhecido por “Tenente Pereira”.Este oficial sentindo-se incomodado com a harmoniosa batucada da escola de samba tentou impedir os ensaios.”Seu Mane” como não era besta, assim mesmo diria ele, respondeu a situação assim:Proibiram nosso ensaio por motivo qualquer/Mas a escola vai sair pra sambar se deus quiser/A nossa escola é independente vai sair para massacrar o orgulho dessa gente. (FERREIRA,2001,p.15)

A escolha de apresentar ao leitor dessa dissertação as monografias e os relatos memorialistas sobre as Escolas de

Samba em Caicó não foi feita de forma desinteressada, pelo contrário, implica na problemática que constituímos para essa pesquisa a medida que estas são produtos da constituição desta configuração histórica que começamos a descrever/analisar. Essa literatura foi produzida durante os anos do século 2000. Sua produção é contemporânea da “hegemonia” do bloco Ala Ursa e da estratégia e projeto que Magão e a prefeitura moviam para a cidade. Estratégia e projeto que tinham e tem como principal objetivo produzir a cidade como uma cidade vocacionada ao carnaval de rua.

Desta forma, esta historiografia e relatos memorialistas são gestadas simultaneamente à produção de inúmeros discursos, imagens e práticas que tentam instituir e inscrever a cidade de Caicó a partir de suas festas. Mesmo que inconscientemente, da instituição e construção daquele regime de verdade para a cidade. Estão coladas ao efeito de real e de verdade produzidas por aquela formação discursiva, ou melhor, ela faz parte desta mesma formação discursiva que busca instituir Caicó enquanto carnavalesca. Pois ela busca produzir a reterritorialização e o recentramento histórico e temporal da cidade ao inventar um passado para a cidade que, não por coincidência, vai ser praticamente o mesmo que o apresentado pelo senso comum e pela maioria dos discursos institucionalizados pela sociedade local como sendo o período áureo da “História das Escolas de Samba”, a década de 1960, e este tempo foi perdido com a morte do carnavalesco Manoel de Neném.

Entre tramas e sensibilidades: a trajetória da Unidos da Vila do Príncipe nas vozes dos mais velhos.

A infância e a experiência são narradas por alguns carnavalescos como sinônimos de maior conhecimento do

carnaval, geralmente, os carnavalescos atribuem para si um passado em outras Escolas de Samba. Partindo desta perspectiva, vislumbramos inicialmente as narrativas de Zé do Óleo. Já velhinho, recuperando-se de um AVC, sentado em sua cama na sala da residência, local onde recebia as visitas de seus amigos, familiares e vizinhos, Zé do Óleo nos concedeu uma entrevista perante a sua esposa que em alguns momentos interferiu, facilitando a conversa. Vejamos seu enredo narrativo:

Eu não sei nem como começar, conversar com você, quando a gente tem alguma lembrança na cabeça e ninguém pergunta dessa lembrança, parece que na cabeça tem uma caixa de guarda a lembrança e fecha com chave. Eu comecei a desfilar jovem em 59, na Escola de Manoel de Neném. Essa escola era um batuque de 30 homens batendo e fantasiado. Naquela época se tinha umas condições melhores. Manoel de Neném tocava tudo sozinho, ele comprava as camisas para a gente, comprava tudo, a gente não gastava nada.³⁰

Um dos primeiros aspectos que nos chama a atenção é a construção do enredo que, embora possua recorrência a termos já expressos, segue como uma história marcada a partir da imagem do carnavalesco Manoel de Neném. Suas expressões ao narrá-lo, com longas pausas e em alguns instantes com frases rápidas, demonstram sua maneira de narrar histórias populares, pois, a entonação da voz, os silêncios e gestos podem expressar emoções e intencionalidades. Estando ao lado do ouvinte, as encenações do corpo do narrador são reveladoras da construção do enredo narrativo. Comumente, as mãos fazem encenações que dão

³⁰ Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

sustentação à narração e prendem a atenção do ouvinte como se dessem asas aos elementos principiados pela entonação da voz. “A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”.³¹ Assim, como foi visto, a figura de Manoel de Neném emerge como possibilidade de primeira escola de samba da cidade, no entanto, depoimentos como os de Zé do Óleo, permitem-nos conhecer outras escolas, saber de outras histórias que são constantemente silenciadas pela mídia.

Segundo a narrativa, o carnavalesco Manoel de Neném, emerge como um homem rico, que *tocava tudo sozinho*, que possuía recursos financeiros para custeio da Escola de Samba, não recebendo desta forma, segundo o depoente, nenhuma ajuda financeira. A narrativa denuncia também alguns dos aspectos presentes nas memórias analisadas, mais precisamente, nas reflexões sobre as percepções do passado das Escolas de Samba no que se refere às estruturas das mesmas. Neste caso, da Escola de Manoel de Neném aparece, segundo as narrativas e imagens vinculadas pela mídia na atualidade, como um batuque, ou seja, não havia na mesma a disposição dos foliões em Alas, não havia baianas, passistas, carros alegóricos, ou seja, em sua estrutura ela não poderia ser caracterizada como uma Escola de Samba. Na trilha dos enredos, buscamos perceber as referências dos narradores sobre o passado, isto é, dos focos das origens das narrativas e seus modos de emergência. No caso de Zé do Óleo, percebemos a construção da narratividade associada à figura de Manoel de Neném, como homem que o levou para a Avenida e que o fez a gostar e entender de samba. No entanto, ao contrário das versões que tematizam sobre o carnavalesco, que enterram junto com o corpo do mesmo, qualquer possibilidade de festejos

³¹BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 418.

em Escolas de Samba na cidade, o carnavalesco Zé do Óleo aponta para outro direcionamento:

Quando acabou a Escola de Manoel de Neném, eu entrei na Unidos da Vila do Príncipe, quem organizava essa escola era eu e Antônio Paulo Freire. Paulo deixou a escola foi morar no Pará. Antônio Paulo disse: Eu vou ter que deixar e você vai ter que tomar conta, só que hoje em dia eu estou assim(choro), eu tou quase morrendo aqui, mais se não tivesse eu dava uma força, eu estava por ai na Avenida.³²

Devido à saúde instável do carnavalesco Zé do Óleo e a sua emotividade ao narrar sobre as suas experiências carnavalescas, a entrevista teve que ser interrompida inúmeras vezes o que dificultou o processo de rememoração do mesmo. Nesta rememoração constantemente interrompida pelo cansaço físico, o carnavalesco descreve da seguinte forma a Vila do Príncipe:

A escola não era de ninguém, não, era para se divertir!A escola tinha tudo, agora não tem nenhuma baqueta para bater.Eles ainda continuam saindo mais não chega perto do que foi a escola antigamente.A gente desfilava na Avenida Seridó e na Coronel Martiniano, a gente desfilava os três dias, hoje eles só desfilam um dia.³³

³² Narrativa de Zé do Óleo. Taxista, 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

³³ Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

O carnavalesco considera algumas hierarquias na escola marcadas, sobretudo, na figura do presidente da escola. No entanto, elas diziam respeito apenas, segundo Zé do Óleo, a uma questão organizacional, sobretudo, para dividir as tarefas. *O fato da escola não ser de ninguém* para utilizar as palavras do carnavalesco, que a Escola se tornou conhecida pelos moradores de Caicó como Unidos da Vila do Príncipe, não passando a ser nomeada de outra forma.

Assim como Zé do Óleo narra as suas experiências na Escola de Samba a partir da infância e adolescência, outro carnavalesco também o faz; trata-se de Inaldo Silva, presidente da Unidos da Vila do Príncipe:

De bloco eu comecei com 10 anos de idade, eu já participava assim, tinha um bloco aqui e acolá. Eu saía e acompanhava, não era como componente, era brincando no bloco. Ai meu pai já fazia parte do bloco antigamente, e eu nasci assim como se diz com o carnaval nas veias.³⁴

É a partir da imagem do pai que o carnavalesco institui o lugar de autoridade no samba, marcado por um passado que é atravessado por inúmeras experiências carnavalescas que atravessam o seu relato. Passado de uma simples brincadeira infantil de sair correndo atrás das Escolas até o encontro com a Escola de Samba de Manoel de Neném que possibilitou a profissionalização do mesmo enquanto carnavalesco:

Comecei mais ou menos com 10 anos no samba, eu era o mais novo que tinha na Escola de Manoel de Neném, depois de alguns anos a escola acabou. Nessa época tinha 3 escolas de samba: Os Garotos na Folia, Os Cara no Samba e

³⁴ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

a Unidos da Folia que era a de Manoel de Neném que eu participava isso nas décadas de 1960 e 1970. Tinha um percurso na Avenida Seridó hoje não existe mais isso. A gente desfilava e o pessoal ia para ver, hoje não existe mais isso.³⁵

As narrativas elaboradas por Inaldo, bem como, a de outros carnavalescos por mais que se refiram às suas primeiras experiências na avenida, sempre retornam ao tempo presente. A comparação é uma constante nos relatos, desta forma, Inaldo continua a narrativa sobre o seu início nas escolas de samba remetendo a imagem da sua casa e do seu pai:

No tempo do carnaval do meu pai, de primeiro usava o lança perfume, eu me lembro muito bem, eu com 13 ou 14 anos. Ele comprava umas 5 caixas de lança perfume e deixava em cima do guarda roupa, o lança perfume era para brincar, os meninos saiam com ela, molhando os outros ficava um cheiro bom. Hoje em dia eles usam um negócio de loló, um negócio perigoso e é escondido da policia porque se a policia vê ela toma.³⁶

Lembremos que as experiências sociais transmitidas pela tradição oral não são imutáveis. Como a forma de transmissão é oral e sua reconstrução é articulada a partir da escuta, os cenários sócio-culturais influenciam no tecer das palavras, pois, o momento da narração muitas vezes determina como e para que algo é narrado.³⁷ Nesse sentido, as diferentes narrativas tornam-se significativas na medida em que são entendidas como

³⁵ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

³⁶ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

³⁷ ALBERTI, 2005, p. 17.

construções e re-elaborações interpretativas que, por sua vez, são articuladas a partir do ato da escuta. Assim sendo, as circunstâncias em que as narrativas emergiam no passar dos tempos, como a participação dos ouvintes na narração, com interrupções e perguntas; o silêncio de alguns narradores; seu posicionamento político, afetivo e social; sua posição na hierarquia familiar, entre outros, refletem na tradição oral uma complexidade que caracterizava as narrativas sobre as Escolas de Samba: sua multiplicidade de detalhes, ancorada nos enredos citados. Dessa forma, eles associam invenção e improvisação, rememoração e repetição.³⁸ Logo, as narrativas aparecem como um processo trabalhado e re-inventado e não como texto acabado, pois, como dizia o carnavalesco Rivaldalvo dos Santos “*se você viesse aqui em outro tempo, talvez eu contasse essa história de outro jeito*”. (isso é frase para título ou epígrafe, massa) Rivaldalvo tece a sua participação no samba da seguinte forma:

Em primeiro lugar eu tenho que dizer o seguinte que eu fui convidado ainda muito jovem, doze anos, primeira escola de samba que eu participei foi Manoel de Neném, só que não foi um período muito longo, também ele já estava também chegando quase ao fim, a animação dele com a escola, mais mesmo assim tive uma boa participação, e quando acabou a escola de samba teve aquele intervalo longo, não tinha escola de samba, quando foi nos anos 78, 79 ressurgiu a gente se reuniu com o pessoal e achamos por bem colocar uma escola de samba na avenida, já tinha uma outra que é de um companheiro da gente que é a Nova Portela, ai com a entrada da Unidos da

³⁸ ALBERTI, 2005, p. 20.

Vila do Príncipe, tinha duas escolas, elas tinham uma rivalidade muito boa.³⁹

Assim, como no depoimento dos outros carnavalescos, o Senhor Rivaldo narra sobre o carnavalesco Manoel de Neném apontando a especificidade da sua Escola de Samba:

Na época de Manoel de Neném era diferente, não tinha ajuda do poder público, mas ele era um empresário, ele era um homem que era empresário, que tinha uma empresa de ônibus, ele conseguia patrocínio com os amigos dele, colega dele, amigo de empresa sempre colocava umas lambretas novas no sorteio do bingo, ele sustentava a escola de samba, mas como era a escola de samba, era só uma bateria, 25 pessoas eram bem mais fácil, somente 25 pessoas que fazia parte da bateria, um porta estandarte e uma porta bandeira, só isso! Mais hoje você não pode sair na rua com um trabalho desse tipo porque a televisão está mostrando naquela época nós não tínhamos televisão, tudo quanto fosse feito aqui era bonito era bem feito, mais hoje você não pode mais fazer um trabalho desse porque a televisão está mostrando, porque o povo vê uma Escola como no Rio de Janeiro, e não admite ter uma aqui, entendeu? Querem uma Escola do jeito da do Rio de Janeiro, mesmo sem ajudarem, ai fica difícil.⁴⁰

³⁹Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

⁴⁰ Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Na narrativa de Rivadalvo podemos perceber claramente a diferenciação entre o “*tempo do hoje*” e o “*tempo dos mais velhos*”, temporalidades vivenciadas pelo narrador. O contexto temporal “do hoje” é apresentado como um momento no qual boa parte dos seus contemporâneos já faleceu restando, portanto, apenas alguns como remanescente desse passado. Na narrativa, o carnavalesco associa as temporalidades da infância e da juventude quando aborda o tempo em que ainda era criança. Isso nos fez repensar a divisão social do tempo. Imerso na temporalidade do “*eu era jovem*”, emanou também seu desenvolvimento juvenil. Identificamos na divisão elaborada semelhanças com as reflexões de Ecléa Bosi quando discute as lembranças de velhos. Ambas demonstram uma infância longa e a uma clara aporia para transpor esse período a juventude.

Essa comparação temporal, no entanto, não se estende a narrar apenas o passado dos carnavalescos, mas marca uma insatisfação nas falas dos depoentes sobre a perda da tradição de uma cultura de samba na cidade de Caicó. O presente é narrado por estes carnavalescos, por uma juventude desinteressada por Escolas de Samba, sendo estas mais afeitas à fluidez dos blocos carnavalescos de rua, a exemplo, de Magão.

Nesse sentido, as memórias analisadas comumente constroem uma nostalgia do passado, elaborações que representam saudades dos tempos antigos, o que demonstrava também uma melancolia no presente, aspectos marcantes em lembranças de velhos. Na ocasião em que a narrativa oral do Senhor Rivadalvo era reconstruída ele passou a caracterizar esse momento:

A escola de samba é aquela coisa formal, se organiza bem organizado, tudo bem vestido, os trajes típicos de uma escola de samba, e o bloco

ALA URSA, como usa aqui o nome, tem as camisas tem, mais você vai de todo jeito, você vai sem camisa, vai de pé descalço, vai de chapéu, vai sem chapéu, tá no meio ta na brincadeira, e a escola de samba não, tem que ser uma coisa bem feita, bem organizada, fica muito difícil você manter uma escola de samba, esse meu primo Inaldo, eu sempre digo a ele Inaldo, bote na sua cabeça Inaldo que não adianta remar contra a maré, escola de samba é coisa do passado, não adianta mais, eu gosto, você gosta, meia dúzia de popular vai para assistir, mais a maioria não gosta, então você ir contra a maioria é perder tempo, muita gente vai ver, mais aí vem um bloco arrastando tudo, levando tudo, aí a gente fica ali até para sair para se organizar, lá na avenida é uma dificuldade muito grande, para se organizar, o povo passando para lá e para cá, não tem uma organização que deixe um cordão de isolamento nada, é no peito e na raça.⁴¹

Para Rivadalvo, a própria organização da Escola em alas, as fantasias, a concentração, os ensaios caracterizariam a escola de samba como *coisa do passado*, em contrapartida ao Bloco Ala Ursa que se apresentaria para os jovens como a dinamicidade e a liberdade, pois, os foliões que participam dele não precisam utilizar nenhum tipo de fantasia que os identifiquem como parte daquele bloco. Desta forma, mesmo considerando a presença das camisas no Bloco, os foliões não necessitam da mesma para fazer parte do bloco neste momento da rememoração; o carnavalesco retorna a década de 1980:

⁴¹ Narrativa de Rivadalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

A Escola de Samba na minha época era atração, o povo ia para a cidade, para o centro da cidade assistir as Escolas de Samba. Não ai olhar bloco não, ia para assistir Escola de Samba, hoje é ao contrário, vão para olhar o bloco.⁴²

Esta falta de participação dos jovens nas Escolas de Samba não se constitui para o carnavalesco a partir da falta de conhecimento musical, visto que, no seu depoimento o carnavalesco relata que existem na cidade cerca de 40 a 60 bandas marciais nas Escolas e outras associações caicoenses, no entanto, mesmo contendo um expressivo numero de músicos na cidade:

Ninguém consegue um menino um rapaz desse que queira participar de uma bateria de escola de samba, muitos preferem aquela liberdade que eles tem, paga o ano todinho a mensalidade chega próximo ao carnaval tem aquele dinheiro que eles pagaram tem direito a bermuda a camiseta , ai o churrasco a bebida e aquela coisa vai no dia que quer, vai bêbado de qualquer jeito e escola de samba a gente não pode fazer isso, tem que ter uma certa moralidade, não vai sair com a escola com o povo caindo, mais nos blocos vai porque é muita gente, eu disse a Inaldo, hoje fazer escola de samba em caicó o problema maior vai ser você conseguir batuqueiro pessoas para compor a bateria, porque nos ainda temos ai uns 50 que resta mais a cada ano vai diminuindo porque a juventude não quer, eles gostam das coisas bem

⁴² Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

liberal, pagou ta lá, a escola de samba dá de tudo e eles não querem.⁴³

E é a esta certa *moralidade* citada por Rivadalvo que se constitui como principal impedimento para que a Escola possa seduzir a juventude caicoense, fruto ainda desse silenciamento em torno das Escolas de Samba, que faz com que a juventude nas palavras do carnavalesco não se interesse por estas manifestações, pois, a maioria não conhece a sua história. Para um carnavalesco participar de um desfile de Escola de Samba em Caicó era necessário uma preparação quase que ritualística. Esse ritual seguido por Rivadalvo durante a sua infância e adolescência foi aprendido a partir dos ensinamentos transmitidos pelo pai:

A gente de Escola de Samba fica muito preso e eu acho que é por isso que a juventude não gosta. Eu que sempre fui uma pessoa que nasci dentro do carnaval, meus pais sempre foram carnavalescos, foliões. Ai na Escola de Samba eu praticamente não saia de casa, porque saia duas vezes domingo e terça, no sábado eu me reunia aqui com os meninos, fazia um churrasquinho, ai no domingo ia até três horas da tarde em casa, concentrado, para sair de 4 horas, na segunda-feira eu ficava concentrado para a terça, ou seja, em Escola de Samba você perde um pedaço do carnaval.⁴⁴

⁴³ Narrativa de Rivadalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

⁴⁴ Narrativa de Rivadalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Essa liberdade, proporcionada pelos outros blocos de rua da cidade de Caicó, é narrada por outro carnavalesco, Inaldo da Silva, diretor da Vila do Príncipe, traça outra explicação para esta desmotivação dos foliões para com a escola:

Nós não temos condição de sair todo dia como Magão sai, porque os instrumentos da gente é muito pesado e a gente não sai em carro. Magão sai em cima de um reboque, de um trator, a gente sai a pé, os instrumentos da gente é diferente, o grupo deles é de 20 pessoas, o da gente é cinquenta só da bateria, é mais complicado por que a gente tem samba enredo, que demora a ser feito e depois que é feito tem que cair na graça do povo, isso tudo a gente vai fazendo para ver se dar certo.é meio complicado, ai tem que ser dois, três, puxador, três cavaquinho, maestro de bateria.Eu mesmo se fosse para tomar conta, queria tomar conta de cinco bloco desse do Magão, que ficava mais fácil para mim, do que tomar conta de escola dessa, muito mais difícil.Tudo que você fizer na escola tem que fazer um negocio bonito, se você fizer um negocio feio, não destaca principalmente para a gente que deveria desfilar de noite mais desfila de dia, mais não tem iluminação nas ruas né?Tem que sair de dia.E tudo que a gente vai fazer na escola é mais caro, para começar os brilhos, o tecido, tudo tem que ser bonito para realçar na avenida.Magão não! Você vai numa parte daquela, você vai de camiseta, bermuda e de tênis

e pronto, você faz o carnaval, assim é muito bom, o da gente é mais difícil é mais complicado.⁴⁵

Neste sentido, esta memória eivada de enunciados e comparações com o Bloco do Magão, permite aos membros das Escolas de Samba recompor aspectos da *batalha*, da guerra que vinham perdendo há tempos ou onde já haviam sido derrotados efetivamente, transpondo-as, deslocando-as para outros campos, o da memória, lutando-se nestes para derrotar os adversários com a construção de versões que punham em xeque a situação presente do confronto e que as recolocavam enquanto vitoriosas. Em grande medida, a invenção desta memória buscava possibilitar a estes carnavalescos continuarem como centros de catalisação de força e transmissores de uma tradição que a mídia noticiava morta. É por isto que lembrar os carnavais das Escolas de Samba não se constituía num ato politicamente vazio, inócuo. Mas, representava a crítica de um grupo social ao tempo presente, à configuração histórica na qual estava imerso. E isto era efetivado por meio de um discurso memorialístico que remetia, sobretudo, a um tempo em que a cidade e sua sociedade teriam vivenciados seus carnavais em outra cadência, com os olhos voltados para a Avenida.

Por isto, o tempo e o espaço a que este discurso remete são o de uma Caicó de costumes e valores outros, onde a concentração em casa não parecia um fardo, e sim uma atitude ritualística e de respeito à Escola. Uma cidade que se organizava em torno dos desfiles produzidos pelas Escolas, onde a grande preocupação era com o desfile e não com as notícias vinculadas na mídia no dia posterior. Um tempo que para alguns carnavalescos, a exemplo de Rivaldo, pode retornar como

⁴⁵ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

narrado no término da entrevista que se encerra segundo as palavras do carnavalesco “*na forma de um conselho de um folião antigo e cansado de brigar com a mídia e com a política*”, e prossegue:

Nós somos uma gota d’água no oceano. Quem tem seus instrumentos que guarde, faça como o Mestre Firmino, que espera o tempo das Escolas de Samba voltar. Quando a mídia quiser, decidir falar sobre Vila do Príncipe, nós vamos ter vez novamente no carnaval. O povo de Caicó vai saber o que é Escola de Samba.⁴⁶

⁴⁶ Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.